AS ALEGRIAS DA MATERNIDADE

BUCHI EMECHETA

dublinense

Material com direitos autorais

SUMÁRIO

Capa

A mãe

A mãe da mãe

A vida da mãe no começo

Primeiros sustos da maternidade

Uma mulher fracassada

Um homem nunca é feio

O dever de um pai

Os ricos e os pobres

O investimento de uma mãe

Um homem precisa de muitas esposas

Partilhando um marido

Homens em guerra

Uma boa filha

Só as mulheres

O pai soldado

Mãe de filhos inteligentes

A honra de uma filha

A mãe canonizada

Sobre a autora

Material com direitos autorais

Créditos

Material com direitos autorais

A MÃE

Nnu Ego recuou e saiu do quarto, os olhos perdidos e vidrados, contemplando o vazio. Seus pés estavam leves e ela avançava como se estivesse em transe, sem dar-se conta de que usava aqueles pés. Foi de encontro à porta, afastou-se dela e cruzou a varanda, avançou para a grama verde que fazia parte do alojamento dos empregados. A grama estava úmida de orvalho sob seus pés descalços. Seu corpo inteiro sentia a névoa fina do ar, e parte dela percebeu quando roçou a roupa lavada do patrão branco pendurada no varal. Isso a fez girar o corpo num safanão, como um cãozinho ao esticar completamente a corda. Agora estava voltada para a estrada, tendo decidido usar os olhos, a parte da frente e não mais a de trás. Correu, os pés ainda mais leves, como se os olhos, agora que os usava, lhe dessem uma leveza especial. Correu, passou pelo bangalô do patrão, passou pelo jardim lateral e disparou pela estrada de saibro, sem asfalto; seus sentidos ficaram temporariamente ofuscados pela cor da estrada, que parecia de sangue aguado. Foi em frente até depois dessa estrada curta que levava à grande, asfaltada; correu como se a perseguissem, olhando para trás uma única vez, para ter certeza de que não estava sendo seguida. Correu como se nunca mais fosse parar.

O ano era 1934 e o local era Lagos, na época colônia britânica. O bairro residencial de Yabá, a uma pequena distância da ilha, fora construído pelos britânicos para os britânicos, embora muitos africanos, como o marido de Nnu Ego, trabalhassem lá como serviçais e empregados domésticos; uns poucos estrangeiros negros, funcionários de baixo escalão, viviam em algumas das casas modestas do bairro. Mesmo naquele tempo, Lagos estava crescendo depressa e,

Material com direitos autorais

pouco depois, seria a capital de um país recém-estabelecido chamado Nigéria.

Nnu Ego passou a toda velocidade pelas bancas do mercado Zabo, cobertas com folhas de ferro corrugado vermelho que, tal como a grama úmida e o saibro no chão, reluziam com o orvalho da manhã. No estado em que estava, não parecia ver nada disso, embora seu subconsciente registrasse tudo. Pedrinhas aguçadas no caminho por onde ia espetaram seus pés quando chegou à Baddley Avenue; sentiu e ao mesmo tempo não sentiu a dor. O mesmo se aplicava à dor em seus jovens seios, soltos sob a blusa, agora se enchendo depressa de leite, desde o nascimento de seu menininho, quatro semanas antes.

Seu bebê... Seu bebê! Sem querer, os braços de Nnu Ego envolveram os seios doloridos, mais para confirmar sua maternidade que para aliviar o peso deles. Nnu Ego sentiu o leite escorrer, umedecendo sua blusa buba; e a outra dor sufocante se intensificou, chegando-lhe agora à garganta, como se tivesse o firme propósito de espremer para fora de seu corpo, ali e então, a própria vida. Só que o leite tinha como sair e aquela dor não, embora a forçasse a ir em frente, e ela corria, corria para longe da dor. Mesmo assim a dor estava ali, dentro de seu corpo. Só havia um jeito de livrar-se dela. Pois como Nnu Ego poderia mostrar o rosto ao mundo depois do que acontecera? Não, melhor nem tentar. Melhor acabar com tudo daquele jeito, o único jeito certo.

Seu vigor não arrefecia. Um ou dois madrugadores a viram, tentaram detê-la para perguntar aonde ia. Porque viram uma jovem de vinte e cinco anos, cabelo comprido não muito bem trançado e sem pano de cabeça para cobri-lo, vestindo uma buba solta de andar em casa e, combinando, uma lappa desbotada amarrada com força em torno da cintura fina, e deduziram que as coisas não iam nada bem. Além do fato de que a indumentária da jovem estava muito desleixada para ser usada fora de casa e seu cabelo muito desarrumado para ficar descoberto, havia uma espécie de selvageria em seus olhos que não parecia deste mundo e que denotava um espírito perturbado. Mas seus movimentos eram tão ágeis e rápidos que ela se esquivou das muitas pessoas que tentaram ajudá-la.

Quando Nnu Ego chegou ao mercado de Oyingbo, o sol espiava de trás das nuvens matutinas. Estava se aproximando de uma área

Material com direitos autorais

agitada da cidade e já havia gente na rua. Os primeiros comerciantes avançavam para suas bancas em fila indiana, levando várias trouxas bem equilibradas na cabeça. A moça deu um encontrão num irado mendigo haussá que, abandonando a banca aberta onde passara a noite, agora se dirigia à rua pavimentada para dar início às atividades diárias de mendicância. Era cego e andava apontando o bastão para a frente com ar ameaçador; a outra mão, trêmula, segurava com força a calabaça de esmoler. Em sua pressa, Nnu Ego quase derrubou o pobre homem ao correr direto para cima dele, como se também ela tivesse perdido o uso dos olhos. Seguiu-se um berro ofensivo e uma torrente ininteligível de palavras que saíam da boca do mendigo em seu idioma nativo haussá, que poucas pessoas em Lagos compreendiam. A calabaça voou da mão trêmula e ele agitou o bastão no ar para enfatizar a ofensa.

"Dan duru ba!", gritava. Achava que, cedo daquele jeito, estava sendo atacado por gatunos habituados a roubar dos mendigos, em especial dos cegos, as esmolas do dia. Nnu Ego escapou por pouco da fúria do bastão ao se inclinar para recolher a calabaça, que entregou ao homem. Fez isso sem dizer palavra, embora sua respiração estivesse ofegante. Não havia nada que pudesse dizer àquele homem que se deleitava na própria fúria, narrando em haussá o que imaginava que iria acontecer com ele. Enquanto Nnu Ego se afastava, o homem continuava praguejando e agitando o bastão no ar.

Ela começou a sentir cansaço, e de vez em quando choramingava como uma criança assustada; mesmo assim avançava depressa, ofendida por sentir algum tipo, fosse qual fosse, de dor física. Enquanto andava, a dor e a raiva competiam dentro dela; às vezes a raiva parecia ser mais forte, mas a dor emocional sempre vencia. E era àquilo que ela queria dar fim muito, muito depressa. Logo chegaria lá, disse para si mesma. Logo tudo estaria encerrado, exatamente lá, sob a água profunda que corria embaixo da ponte Carter. Então poderia procurar e encontrar sua chi, sua divindade pessoal, e perguntar-lhe por que a castigara daquela maneira. Sabia que seu chi era uma mulher não apenas porque em sua opinião só uma mulher seria tão absoluta ao punir outra mulher. À parte isso, quantas vezes haviam lhe dito em sua casa em Ibuza que seu chi era uma escrava que fora obrigada a morrer com a ama no momento em

Material com direitos autorais

que a ama era sepultada? Por isso agora a escrava se encarregava de transformar a vida da própria Nnu Ego num catálogo de desastres. Bem, agora Nnu Ego estava indo ao seu encontro, ao encontro da implacável princesa escrava vinda de um país estrangeiro, e queria discutir toda aquela questão com ela, não neste mundo, mas no mundo dos mortos, lá, nas profundezas das águas do mar.

Dizem que as pessoas que estão para morrer, seja afogadas seja por uma doença terminal gradativa, dedicam os últimos poucos momentos de consciência percorrendo a própria vida caleidoscopicamente, e Nnu Ego não era exceção à regra. A dela começara vinte e cinco anos antes, numa cidadezinha igbo chamada Ibuza.

Material com direitos autorais

A MÃE DA MÃE

wokocha Agbadi era um chefe local muito rico. Era um grande lutador, além de orador desembaraçado e talentoso. Seus discursos eram altamente condimentados com histórias maliciosas e provérbios profundos. Era mais alto que a maioria dos homens e, já que nascera numa era em que a bravura física era o que determinava o papel da pessoa na vida, todos aceitavam com naturalidade que ele fosse o líder. Como a maioria dos homens atraentes que têm consciência da própria imagem carismática, em seu tempo teve muitas mulheres. Toda vez que faziam uma incursão a um povoado das redondezas, Agbadi invariavelmente voltava com as mulheres mais belas. Tinha um fraco pelas que vinham de casas importantes, filhas de chefes e de homens ricos. Sabia por experiência própria que essas mulheres eram mais confiantes e provocadoras, mesmo em cativeiro. E aquele tipo de arrogância que nem o cativeiro conseguia abater parecia despertar nele alguma tendência perversa. Quando ele era moço, a mulher que cedia a um homem sem antes lutar pela própria honra não era respeitada. Considerar uma mulher sossegada e tímida como desejável foi uma coisa que só surgiu mais tarde, depois do tempo dele, com o cristianismo e outras modificações. A maioria das mulheres que Nwokocha Agbadi escolhia para esposas, e mesmo suas escravas, eram as capazes de confrontar a arrogância de Agbadi, seu cáustico sarcasmo, suas brincadeiras ofensivas e mesmo, quando era esse seu estado de espírito, sua ternura humana.

Nwokocha Agbadi desposou umas poucas mulheres no sentido tradicional, mas quando as via, uma a uma, afundar na vida doméstica e na maternidade, logo se entediava e saía em busca de

Material com direitos autorais

alguma outra fêmea excitante, alta e orgulhosa. Essa sua predileção também se aplicava às amantes.

Agbadi era de Ogboli, um povoado de pessoas que, rezava a lenda, já viviam na área da atual Ibuza antes que o povo igbo do leste viesse de Isu para instalar-se ali ao lado deles. O povo de Ogboli permitiu que o fundador de Ibuza ficasse e outorgou títulos tanto a ele como a seus descendentes. Ao mesmo tempo, herdou a maioria das viúvas dos recém-chegados. Por um longo período o arranjo foi esse, até o povo de Ibuza ficar mais forte e mais numeroso, e o de Ogboli por algum motivo minguar. Ainda hoje se desconhecem as razões do fato, embora alguns afirmem que muitos dos de Ogboli emigraram para cidades próximas, como Asaba. Mas isso não vem ao caso. O povo de Ibuza, oriundo do leste da Nigéria, lutou e venceu muitos combates civis contra seus anfitriões. Conquistou liberdade de movimento a ponto de começar a escolher ele próprio seus chefes e recusar-se a continuar enviando suas mulheres para os de Ogboli.

No tempo de Nwokocha Agbadi, a cidade ficou conhecida pelo nome de Ibuza, e Ogboli na época era um dos povoados que compunham a cidade. A glória permanecia, e a gente de Ogboli ainda se considerava filha do solo, embora desde havia muito o solo tivesse sido retirado de debaixo de seus pés. Duas das esposas de Agbadi eram de Ibuza, duas de sua própria cidade, e três eram escravas que ele capturara em suas andanças; além das esposas, tinha três amantes.

Uma dessas amantes era uma jovem muito bela que conseguia ser ao mesmo tempo teimosa e arrogante. Ela era tão teimosa que se recusava a viver com Agbadi. Sendo os homens do jeito que são, ele preferia passar todo o seu tempo livre com ela, com aquela mulher que gostava de humilhá-lo recusando-se a ser sua esposa. Não raras noites ela o punha para fora, dizendo que não estava inclinada a ter fosse o que fosse com ele, embora supostamente Agbadi não fosse o tipo de homem a quem as mulheres dissessem esse tipo de coisa. Mas ela se negou a ficar ofuscada pela riqueza, pelo nome ou pela beleza dele. As pessoas diziam que Nwokocha Agbadi dedicou todo o tempo que passou neste mundo cortejando sua Ona.

Ona era o nome pelo qual Agbadi a chamava, não o nome que ela recebera originalmente. O pai da moça também era um chefe, e Agbadi a conhecera ainda criança, andando atrás do pai. As pessoas

Material com direitos autorais

costumavam estranhar que um chefe como Obi Umunna se deslocasse sem a menor vergonha de arrastar atrás de si uma criancinha minúscula. Mas o pai dizia às pessoas que a menininha era seu ornamento. Agbadi então dizia, de brincadeira: "Se é assim, por que você não a usa em volta do pescoço, como uma ona, uma joia sem preço?". As pessoas acharam graça. Mas o nome pegou. Agbadi nunca teria imaginado que um dia, quando ela crescesse, seria um dos homens a pedi-la em casamento. O pai, apesar das diversas esposas, tinha poucos filhos e, na verdade, nenhum filho homem vivo, mas Ona cresceu para corresponder às expectativas do pai. Ele havia insistido para que ela nunca se casasse; sua filha jamais inclinaria a cabeça diante de homem algum. No entanto, podia ter homens, se quisesse, e se tivesse um filho, ele receberia o nome do pai dela, retificando assim a omissão da natureza.

Ona era de estatura mediana e sua pele parecia a da noz de palma quase madura, acetinada, castanho-clara. O cabelo, cortado curto, cobria seu crânio como um chapéu no alto da cabeça, que parecia ter sido empurrada para fora dos ombros por um pescoço forte e longo. Quando ela andava, seu precioso cinto de contas, feitas do melhor coral, murmurava e, para homens crescidos naquela cultura, que conheciam o som de cada conta, isso a tornava ainda mais atraente. A vida inteira ela se habituara a andar pelas trilhas silvestres, por isso sabia como evitar os espinhos, usando as pontas dos pés, em vez de jogar o peso do corpo nas solas. Com isso seus movimentos lembravam os de um gato misterioso e ao mesmo tempo excitante. Tinha um jeito de apontar o queixo para a frente, como se visse com ele e não com os olhos, que tinham as bordas negras e pareciam afundados em sua cabeça. Como a maioria das pessoas de seu povo, não tinha muita paciência para caminhar e, quando corria, assim como as jovens garotas correm até o riacho ou saem correndo de suas casas só para ver o que há de novo, cobria com as mãos os seios, que balançavam, despidos e saudáveis. Era raro ela usar uma blusa; também não amarrava a lappa por cima dos seios, como as mulheres mais velhas. Mas possuía muitas lappas de cintura e também um estoque de valiosas contas de coral para o pescoço e a cintura. Magníficas tatuagens preto-esverdeadas se destacavam sobre sua pele castanha. Embora sempre estivesse com pouca roupa, muitas vezes

Material com direitos autorais

impunha aos outros a percepção de que era uma presença conservadora, altiva, fria como o aço e distante como toda mulher da realeza. Ao sentar-se, dobrava as longas pernas bem juntas, com recato feminino, e ficava evidente que tinha estilo, aquela única filha de Obi Umunna.

Nwokocha Agbadi teria aceitado com gosto mandar todas as suas esposas embora só para viver com aquela única mulher. Mas isso não aconteceria. Todos diziam que Ona o enfeitiçara, que tinha uma espécie de poder sobre ele. Quem, em seu pleno juízo, abandonaria a própria morada, ampla, e as esposas dispostas a adorá-lo e servi-lo de todas as maneiras para ir atrás de uma mulher rude, egocêntrica, mimada pelo pai? Essa hipótese ganhava força especialmente quando as jovens esposas de Agbadi davam mostras de insatisfação sexual. Elas insistiam para que ele não negligenciasse suas obrigações para com elas e depois, quando elas engravidavam, ele não aparecia em suas cabanas até que chegasse a hora de fecundá-las novamente. No entanto, sempre que voltava das inúmeras andanças, Agbadi procurava a companhia de sua Ona.

Foi durante uma estação de chuvas que Nwokocha Agbadi saiu à caça de alguns elefantes, os quais ele e seu grupo de idade sabiam que estariam atravessando os brejos de Ude. Na ocasião, aproximou-se demais de uma das vastas criaturas, e esse mero descuido quase provocou um terrível desastre. Uma presa vigorosa arremessou-o de encontro a uma touceira de cana-de-açúcar silvestre que havia ali perto e ele aterrissou na lama preta borbulhante. O animal estava tão enfurecido que – coisa que os grandes elefantes raramente fazem – saiu atrás dele às cegas, urrando feito uma enorme locomotiva, de tal modo que o próprio solo parecia a ponto de ceder com sua aproximação maciça. Agbadi reagiu depressa. Estava imobilizado entre as canas-de-açúcar, incapaz de mover o corpo, mas mesmo assim, com um punho experiente, apontou sua lança e acertou a parte de baixo da barriga do animal irado. O elefante berrou, mas não se deteve e investiu sobre Agbadi com determinação, quase arrancando seu braço do ombro e atacando-o com uma fúria que a lança dolorosa no corpo aumentava ainda mais. O elefante berrou e caiu, mas não sem antes ferir Agbadi tão gravemente que o próprio Agbadi julgou estar perto do fim. Os outros caçadores, ao ouvir o

Material com direitos autorais

alarido, correram para onde eles estavam e em pouco tempo deram cabo do elefante, ainda cheio de vida e dando coices para todos os lados. Viram que Nwokocha Agbadi perdia tanto sangue que em pouco tempo morreria. O osso de seu ombro estava para fora da pele e as presas do elefante haviam dilacerado seu torso. Agindo em conjunto, os homens imobilizaram o ombro torcido com talas de bambu, embora não tivessem como remediar o sangramento do torso; a julgar pela poça de sangue que se formava velozmente em torno do companheiro, duvidaram que durasse muito. Não demorou para que o ferido perdesse os sentidos, e todos acreditaram que havia morrido. O mais velho do grupo foi buscar seu pano otuogwu, que deixara numa área seca e elevada perto do rio, envolveu Agbadi com ele como se faz com os mortos e, em seguida, os aflitos caçadores instalaram-no sobre um gradeado amplo de bambu, construído num instante, e avançaram lenta e tristemente na direção de casa.

O cortejo de homens austeros emergindo do seio da floresta e entrando na cidade foi um espetáculo comovedor. Para os lavradores a caminho de seus campos era óbvio que algo estava muito errado, mas, se desconfiaram da verdade, ainda não era hora de manifestar pesar: Nwokocha Agbadi não era simplesmente um chefe, era um chefe importante, portanto a revelação de sua morte teria de atender a determinadas regras culturais – com tiros e o sacrifício de dois ou três cabritos antes do anúncio. Aquele que desse mostras de pesar antes da proclamação oficial teria de pagar multas equivalentes a três cabritos. Assim, as pessoas assistiram atônitas à chegada dos caçadores, tentando adivinhar quem havia sido mumificado daquela forma. As mulheres e as crianças correram de suas moradias para assistir à passagem do séquito, e os mais observadores perceberam que o único chefe ausente do grupo de caçadores era Nwokocha Agbadi. Atrás dos homens que o carregavam vinham quatro vigorosos escravos arrastando o elefante morto, grunhindo e transpirando com o peso do bicho. As pessoas perceberam que Agbadi fora gravemente ferido ou morto durante a caça ao elefante! Os comentários circulavam em murmúrios.

Quando Ona ficou sabendo do acontecido, a personalidade mais vulnerável que havia por baixo de sua máscara inflexível de todos os

Material com direitos autorais

dias deixou-se ver. Saiu desesperada do lugar onde estava, sentada ao lado do pai, e em pouco tempo alcançou os carregadores.

"Me digam, por favor, digam alguma coisa, meu amante está morto?", perguntava aflita enquanto corria atrás deles nas pontas dos pés, com as contas de cintura chocalhando no ritmo de seus movimentos.

Insistia, primeiro com um dos homens, perguntando a mesma coisa, depois com outro, implorando que ele lhe dissesse alguma coisa. Torturou o amigo mais antigo e mais próximo de Agbadi, Obi Idayi, a tal ponto que ele se descontrolou. Por algum tempo tratara de ignorá-la; e jamais sentira o menor carinho por aquela mulher selvagem e incontida. Não entendia o que Agbadi via nela. Agora, deteve sua marcha solene e disparou:

"Enquanto ele estava vivo, você o torturou, provocando-o com seu corpo. Agora que está morto, lamenta sua coragem".

Ona ficou aturdida. Cobriu a cabeça com as mãos e disse, como se estivesse hipnotizada: "Não pode ser. Simplesmente não pode ser".

Algumas mulheres mais velhas que estavam por perto trataram de acalmá-la, dizendo: "Ele até pode ser seu amante, garota, mas não se esqueça de que é Nwokocha Agbadi e veja lá o que diz".

Com o cérebro fulminado pelo medo e pela apreensão, Ona seguiu os carregadores até Ogboli.

Agbadi foi colocado no centro do pátio de sua casa. O curandeiro conseguiu detectar nele um tênue sinal de vida, embora a dificuldade de sua respiração indicasse que estava moribundo. Foi preciso massagear seu coração para que voltasse a bater. Todas as esposas foram afastadas, mas Ona lutou com unhas e dentes para que a deixassem ficar, e não permitia que ninguém encostasse em Agbadi além dela própria. O povo de Agbadi não gostava muito dela, mas a respeitava por ser a única mulher capaz de fazer seu chefe realmente feliz, de modo que o curandeiro lhe deu permissão para tomar conta do ferido. Ona estava tão assustada com as consequências do acidente que, tal como os homens sentados ao redor de Agbadi, esqueceu-se de que o alimento serve para ser comido e a noite para ser dormida.

Houve sacrifícios diários de cabritos para apaziguar o chi de Agbadi; alguns foram abandonados vivos nas ribanceiras dos rios e

Material com direitos autorais

em Ude para apaziguar os outros deuses. A ideia de voltar para casa não passou pela cabeça de Ona, nem no quarto dia. Seu pai, tão possessivo, tampouco a chamou, pois compreendia o dever da filha; sua gente era civilizada e confiava nela. Pela primeira vez a jovem se deu conta da importância de sua ligação com aquele homem, Nwokocha Agbadi, mesmo ele sendo cruel em suas maneiras imperiosas. A língua dele era mordaz como o fio de uma lâmina de circuncisão. Ele controlava a família e os filhos como se fosse um deus. Mesmo assim, entregava-lhe sem reservas seu amor, e ela gostava; suspeitava, porém, que teria o mesmo destino das outras esposas de Agbadi se consentisse em tornar-se uma delas. Não, talvez a melhor maneira de conservar o amor de Agbadi fosse não aceitar que isso acontecesse. Mas se ele morresse agora... Deus, ela também buscaria a morte! Mesmo assim, preferia que lhe arrancassem a língua do crânio a deixar um idiota de um homem saber o tamanho de seu carinho. Concluiu que esse seria o preço que ele iria pagar por ser tão dominador e ter um temperamento tão asqueroso. Cuidou dele sem descanso e disse para si mesma que iria embora se ele desse sinais de recuperação.

No quinto dia, Agbadi abriu os olhos sem nenhuma ajuda do curandeiro. Ona ficou tão surpresa que simplesmente devolveu o olhar. Seu primeiro ato impulsivo foi gritar de alegria; depois, convocou o autocontrole. O amante olhou para ela por uma fração de segundo, com olhar desfocado. Durante esse curto lapso de tempo, mostrou um ar tão dependente que Ona teve vontade de segurá-lo nos braços e cantar para ele como para um bebê. Mas o ferido começou a morder um canto da boca, costume que, na experiência de Ona, normalmente era o prelúdio de uma observação ferina. Olhou para ela, sentada ali de pernas cruzadas ao lado dele, com um dos joelhos quase encostando em sua cabeça pousada sobre um apoio de madeira. Não disse nada, mas sua mente alerta apreendera a situação toda. Sempre mordendo o canto do lábio inferior, percorreu-a com os olhos da cabeça à ponta do pé. Depois simplesmente virou para o outro lado e fechou de novo os olhos. Ela estava segura de que a luz naquele pátio aberto onde ele estava deitado era intensa demais para os olhos que ele não abria havia

Material com direitos autorais

cinco longos dias, mas registrara o ar de escárnio. Que maneira de agradecer tudo o que havia feito por ele!

Não contou a ninguém que Agbadi recuperara a consciência; esperançosa, e também com receio, buscou outros sinais de melhora. Naquela noite, enquanto ela tentava ajeitar as talas de bambu utilizadas para fixar o ombro dele no lugar, dois homens tiveram de segurar as pernas longas e fortes de Agbadi para impedi-lo de espernear. Ele gemeu de dor, e ela foi instruída a secar o sangue fresco que escorria do ferimento. Ona ouviu a própria voz pronunciar estas palavras: "Você aguentou a dor como um homem. Agora os ossos estão sãos; resta o ferimento, que em um ou dois dias estará curado".

Os olhos de Agbadi se abriram, desta vez desanuviados e cruéis. Seus dentes brancos reluziram num sorriso sardônico. Ele deu uma risadinha malévola, depois disse, em tom rude: "O que seria de você sem seu amante, Ona?".

"Se você não parar com essa conversa, jogo esta calabaça de remédio em você e vou embora daqui, volto para o alojamento de meu pai. Pela rispidez da sua língua, vejo que já está muito melhor".

Lágrimas ardentes queimavam seus olhos, mas ela se controlou e não deixou que escorressem, intuindo que nada daria mais prazer ao amante do que ver seu rosto molhado por lágrimas de frustração. Ergueu-se do tapete de pele de cabra de Agbadi e começou a se afastar dali.

"Você não pode ir embora agora. Precisa acabar o que começou", foi o comentário de Agbadi.

Ela virou o corpo. "E quem vai me impedir? Quem ousaria me impedir? Você?", disse ela com voz aguda, muito próxima da histeria. "Que nada! Você acha que tem o direito de brincar de Deus só porque se chama Agbadi? Você tem suas esposas: elas que tomem conta de você. Tem suas escravas: elas que limpem esse sangue fedorento!".

"Minhas esposas me amam demais para ficar ao meu lado me vendo sofrer. Preciso de uma mulher impiedosa como você... Uma mulher com coração de pedra para ficar aqui e ver os homens removerem minhas talas sem me afogar em lágrimas. Se você for embora, eu morro".

Material com direitos autorais

"Se eu for embora você morre?", Ona zombou, espetando o queixo no ar e jogando a cabeça para trás em regozijo fingido. "Que declaração surpreendente para o grande Agbadi! Quer dizer que afinal de contas você é apenas uma pessoa normal – não, não um homem normal, mas uma criança mimada que chora quando a mãe se afasta? Nwokocha Agbadi, morra de uma vez, porque estou voltando para o alojamento de meu pai. Meu coração não é de pedra, mas prefiro morrer a deixar que ele amoleça por alguém como você".

"Eu não disse que vou morrer por você ser tão indispensável...". A frase foi acompanhada de uma risadinha baixa, zombeteira. O querido amigo Idayi fez coro com ele, e os dois pareciam encantados com o desapontamento dela.

Depois, Idayi tossiu de leve. "Olhe, Agbadi", avisou, "se você não parar de rir, começa a sangrar de novo. Quanto a você, querida Ona, depois de cinco dias prostrada ao lado dele enquanto ele não tinha condições de falar, agora que ele fala, quer que se ajoelhe e diga 'obrigado', é isso?".

"Isso mesmo, por que não? Não fiz o suficiente para merecer um agradecimento? Saí do alojamento de meu pai para ficar aqui...".

"Não lhe pedi para vir, lembre-se disso", intrometeu-se Agbadi, decidido a ser o caçador orgulhoso até a morte.

"Ah, que atrevido!".

"Está bem, está bem", interrompeu Idayi novamente ao ver que Ona estava ficando cada vez mais furiosa. Se permitisse que ela perdesse o autocontrole, era bem possível que jogasse a calabaça em Agbadi, como ameaçara fazer. "Em um dia ou dois ele melhora, Ona. Aí você pode voltar para a sua gente. Somos gratos a você e ao seu pai, esteja certa disso. Se Agbadi se humilhasse e agradecesse, tenho certeza de que você deixaria de gostar dele. Você precisa de um homem, Ona, não de uma lesma. Todos nós conhecemos você. Por um momento, pensei que estávamos perdendo nosso gigante para sempre. Pois bem, não se preocupe, ele ainda está muito fraco para incomodar qualquer mulher por muitos dias, mas necessita o consolo de sua proximidade, mesmo que não queira admitir isso. O sol está se pondo; ele precisa que lhe tragam sua refeição de sangue, se você quiser que se cure mesmo", disse Idayi, com a calma estudada de sempre.

Material com direitos autorais

Ona foi providenciar o que ele lhe pedia, pensando consigo mesma em como era injusto que Agbadi a acusasse de ter um coração de pedra. De que outra forma poderia agir, se não tinha o direito de casar-se com ele? Já que seu pai não tinha um filho, fora dedicada aos deuses para ter filhos com o nome do pai, não com o de algum marido qualquer. Ah, como estava dividida entre dois homens: precisava ser leal ao pai e também ao amante, Agbadi.

Havia muitos amigos e pessoas solidárias no alojamento de Agbadi quando ela voltou com a refeição que buscara na cabana do curandeiro, ajoelhou-se e, em silêncio, começou a dar de comer a Agbadi.

Nesse momento, a saudação que conhecia tão bem, "Aquele que cultiva a paz", foi pronunciada pelas pessoas que estavam do lado de fora do pátio, e Ona soube que seu pai, Obi Umunna, viera fazer uma visita a Agbadi. O amante olhou para ela num apelo silencioso, numa mensagem clara: não queria que ela se fosse, por enquanto.

"Como é possível que você seja tão forte e ao mesmo tempo tão frouxo, Agbadi?", ela perguntou em voz baixa, de modo que os circunstantes não ouvissem.

Como resposta, ele simplesmente abriu um sorriso neutro.

Obi Umunna se aproximou e disse com desembaraço: "E então? Como está esse homem de sorte? Você teve muita sorte, meu amigo. Mande trazer sua melhor bebida e nozes-de-cola e oremos por uma vida longa e para agradecer a seu chi por tê-lo salvo".

"Você tem razão", concordou Idayi. "Eu estava justamente dizendo à sua filha que por um momento achamos que íamos perdê-lo. Mas, meu amigo, espero que sua visita não signifique que pretende levá-la para casa. Ela ainda não pode ir".

"E como está minha Ona?", perguntou Obi Umunna depois de olhar para a filha por alguns momentos.

"Aquele que cultiva a paz", ela replicou. "Estão cuidando bem de mim, pai".

"Ótimo; mas lembre-se de que não é casada com Agbadi. Não quero o dinheiro dele. Volte para casa assim que ele ficar melhor".

"Por que você não a transforma em homem?", disparou Agbadi com ironia. "Esse grude com sua filha, como se...".

Material com direitos autorais

"Não vim aqui discutir com você, Agbadi; você está doente. E já discutimos essa questão tantas vezes antes... Minha filha não se casa com ninguém".

Intencionalmente, Ona aproximou a colher com um pouco de alimento do nariz de Agbadi, como a dizer-lhe que não insultasse seu pai em sua presença.

Agbadi tossiu e observou: "Uma filha que você nem sequer ensinou a alimentar um homem doente".

"Ah, Agbadi!", exclamou Ona.

"Nozes-de-cola e vinho de palma. Quem aceita?", disse Idayi quando um dos filhos de Agbadi entrou com a bandeja de madeira trazendo refrescos. "Oremos a nossos ancestrais".

Em sua qualidade de homem mais velho naquele pátio, Idayi disse as orações. Suplicou ao todo-poderoso Olisa que curasse seu bom amigo Nwokocha Agbadi e que concedesse boa saúde a todos os presentes. Agbadi permaneceu em silêncio, deitado de costas sobre a pele de cabra, às vezes fitando o teto de bambu, às vezes soltando grunhidos de apoio às muitas orações pronunciadas. Durante a maior parte do tempo, manteve os olhos fechados, e era preciso limpar repetidamente com água fria o suor que lhe escorria sobre o tórax coberto por uma trama de pelos.

Agbadi dormira tanto ao longo do dia que, agora que se sentia melhor, tinha dificuldade para dormir a noite inteira. Mesmo assim, deve ter cochilado por um momento, pois quando abriu os olhos o alojamento inteiro estava em silêncio. A aragem fresca da noite entrava pela janela aberta do telhado e ele ouviu o murmúrio de suas cabras. Ouviu uma respiração suave logo ao lado, vinda de outra pele de cabra. Lembrou-se: Ona estava ali, deitada a seu lado. Olhou os seios nus que subiam e desciam ao ritmo da respiração e achou graça em perceber como ela tratara de instalar-se tão afastada dele quanto possível, embora, numa atitude inconsciente de provocação, como tudo mais que ela fazia, sua perna estivesse esticada de modo a quase tocá-lo. *Cadela desalmada*, ele pensou, *eu te ensino*... Franziu o cenho quando seu ombro ainda dolorido protestou, mas conseguiu deitar-se completamente de lado e olhou para ela até se fartar. Pensar que naquela cabeça orgulhosa, erguida mesmo no sono, pensar que naqueles seios, dois belos e firmes promontórios sobre seu tórax,

Material com direitos autorais

semelhantes a duas calabaças viradas, houvesse alguma ternura pareceu-lhe, por um instante, algo inacreditável. Sentiu-se arder.

Depois a ira tomou-o outra vez, ao lembrar-se das muitas vezes em que aquela jovem o provocara e humilhara sexualmente. Teve ganas de pular em cima dela, de arranhá-la, feri-la. Em seguida, mais uma vez, a ideia de que ela precisava dele e estava ali só por sua causa invadiu-o e foi mais forte que o impulso vingativo. Rolou o corpo na direção dela, mordeu com delicadeza seus mamilos, como fazem os amantes, deslizou a língua pela cavidade que separa os dois seios, para baixo e para cima. Acariciou sua coxa com a mão válida, tocou sua pequena lappa de dormir e manuseou suas contas de cintura de coral. Ona arfou e abriu os olhos. Quis gritar, mas Agbadi foi mais rápido, mais experiente. Deitou-se sobre o ventre, como uma grande cobra negra, e cobriu a boca de Ona com a sua e durante um longo momento não a libertou. Ela se debateu ferozmente como um animal encurralado, mas Agbadi voltava a ser o que era. Ainda estava fraco, mas não a ponto de ignorar seu desejo. Estimulou-a, vencendo toda a resistência dela. Acariciou e explorou usando a mão intacta, confiante no fato de que Ona era uma mulher, uma mulher madura, que muitas vezes se deitara com ele. E tinha razão. Os chutes dela foram diminuindo, ela parou de se debater. Em vez disso começou a gemer e grunhir, como uma mulher em trabalho de parto. Ele não lhe deu trégua, não a largou, tamanha era sua mestria naquela arte. Sabia que a deixara tomada pelo desejo, pela necessidade dele. Sabia que vencera. Queria deixá-la completamente humilhada em seu desejo ardente. E Ona sabia. Por isso tentou dominar seus sentimentos da única maneira que, a seu ver, não a trairia.

"Sei que você ainda está muito doente para conseguir...".

"Não, minha Ona, só estou esperando você ficar pronta".

Ela estava a ponto de gritar para dar vazão ao fogo de seu corpo. Como era possível ser traída assim pelo próprio corpo? Devia ter se levantado e corrido, mas algo a detinha, ela não sabia o quê, e nem queria saber. Queria ser libertada do fogo que ardia dentro dela. "Por favor, está doendo".

"Eu sei", foi a resposta confiante de Agbadi. "É o que eu quero".

Ela se entregou, não pôde dizer mais nada. Começou a chorar, e os soluços que tentava segurar sacudiam todo o seu ser. Ele percebeu,

Material com direitos autorais

deu uma risadinha e observou com voz abafada: "Por favor, Ona, não acorde a casa inteira".

Ou ela não ouviu, ou ele queria que ela fizesse exatamente aquilo, pois lhe deu duas mordidas dolorosas entre os seios, e ela, em desespero, cravou as unhas nele e ficou feliz quando finalmente sentiu-o dentro dela.

Ele gozou com gentileza inesperada e encontrou-a tão despreparada para o impulso apaixonado que se seguiu que ela soltou um grito agudo, tão lancinante que mesmo ela se surpreendeu ao ouvir a própria voz: "Agbadi, você está me partindo ao meio!".

De repente o pátio inteiro pareceu repleto de pessoas em movimento. Uma voz, uma voz masculina que mais tarde ela reconheceu como sendo a do amigo de Agbadi, Obi Idayi, berrou de um dos cantos do pátio aberto: "Agbadi! Agbadi! Você está bem?".

Mais uma vez, ouviu-se a risadinha que Ona adorava e ao mesmo tempo detestava tanto. "Estou ótimo, meu amigo. Vão dormir. Só estou dando à minha mulher os prazeres que ela merece".

Grunhindo feito um animal excitado diante de uma presa inerme, ele se afastou dela abruptamente, sem estar ainda saciado, e rolou com dor para o outro lado da pele de cabra. Depois de machucá-la de propósito, para benefício da sua gente que dormia no pátio, estava satisfeito.

Naquele momento, ela o odiou. "Toda essa cena era só para a sua gente, Agbadi?", ela sussurrou. Incapaz de conter-se, começou a chorar baixinho.

Então ele teve pena dela. Puxou-a para mais perto e, permitindo-lhe que se aconchegasse contra seu corpo, animou-a a pôr toda aquela amargura para fora. Sentiu as lágrimas quentes que escorriam, mas nada disse, limitou-se a continuar desenhando com o dedo os contornos daqueles mamilos pecaminosos.

A esposa mais velha de Agbadi, Agunwa, caiu doente naquela mesma noite. Mais tarde houve quem dissesse que a esposa se sacrificara pelo marido; mas alguns haviam observado que ela se sentira diminuída por ouvir o marido dar prazer a outra mulher no mesmo pátio onde ela dormia, e a uma mulher que tratava tão descaradamente mal o homem que todos adoravam. Uma mulher de

Material com direitos autorais

índole encrenqueira e impetuosa, que tinha a audácia de lutar com seu homem antes de permitir que ele a possuísse: uma mulher má.

Na manhã seguinte, Agbadi e Ona ainda dormiam quando uma das crianças deu o alarme.

"Acorde, pai, acorde! Nossa mãe está tendo um ataque".

"O quê?", rosnou Agbadi. "Qual é o problema da sua mãe? Ontem à noite ela estava perfeita!". Por um momento Agbadi esqueceu a situação em que estava e fez menção de levantar-se. Ona, já inteiramente acordada, conteve-o. "Diabo de ombro", ele grunhiu. "Mas o que está acontecendo com Agunwa?".

"É o que estamos tentando descobrir", disse a voz tranquilizadora de Idayi, de sentinela ao lado do amigo.

"Deite-se e pare quieto, Agbadi", aconselharam outras vozes.

Ele assistiu indefeso quando os outros carregaram sua esposa mais velha para sua cabana, em seu próprio setor do alojamento. "Diga a meu curandeiro que vá vê-la. Qual é o problema dela?", perguntou, irritado.

Pouco depois o amigo voltou da cabana de Agunwa dizendo: "Sua esposa principal está muito doente. Seu dibia está fazendo o possível para salvá-la, mas acredito que ela não vá sobreviver".

"Por que, Idayi, por que justo agora?".

"Ninguém sabe quando vai chegar a sua hora. Sua esposa Agunwa não é exceção. A preocupação com seu estado... Desde o dia em que trouxemos você de Ude para casa, ela toma conta de você daquele cantinho do pátio. Inclusive, estava aqui ontem à noite".

"Ah, meu amigo, fale claro. O que está tentando me dizer? Ela é minha esposa principal, eu a trouxe aqui para Udo no dia em que me tornei um Obi. Ela é a mãe de meus filhos crescidos. Você se engana, Idayi, quando sugere que talvez ela tenha morrido de mágoa ou amargura só porque ontem à noite me diverti um pouquinho na companhia de Ona. Agunwa é uma pessoa madura, não ia se incomodar com isso. Ora, se ela tivesse essa atitude, que exemplo estaria dando às esposas mais jovens?".

"Você fala de ontem à noite como se o que houve não passasse de uma pequena diversão. Mas nenhum de nós conseguiu dormir. Você e sua Ona acordaram até os mortos...".

Material com direitos autorais

Houve o sacrifício de cabras e galinhas, na tentativa de salvar Agunwa. Quando, no décimo oitavo dia, Agbadi teve condições de erguer-se e movimentar-se apoiado num dos escravos e num bastão, a primeira coisa que fez foi ir até a cabana da esposa mais velha. Ficou chocado ao vê-la. Estava tão mal que nem chegou a dar-se conta da presença dele.

Agbadi olhou em volta e viu que dois de seus filhos crescidos o observavam. "A mãe de vocês é uma boa mulher. Tão discreta, tão silenciosa... Quem me ajudará, agora, a ficar de olho naquelas minhas esposas jovens, quem cuidará da casa com a competência dela?".

Dois dias depois, Agunwa morreu e Agbadi enviou ao povo dela uma rês de bom tamanho para anunciar o falecimento. Como morrera na qualidade de "mulher completa", seria enterrada no alojamento do marido.

"É preciso que a escrava e o equipamento de cozinha de Agunwa partam com ela. Todos devemos chorá-la".

Ona se comportava como uma esposa submissa. Sabia que a culpavam pela morte de Agunwa, embora ninguém tivesse coragem de fazer abertamente essa afirmação. Naquela noite, depois de servir a refeição de Agbadi e de ajudar seus homens a massagear-lhe o torso e o ombro para que voltassem à vida, ela se enroscou nele e perguntou: "Você gostaria que eu agora fosse embora? Meu pai deve estar preocupado, tentando adivinhar o que a sua gente estará dizendo".

"E o que a minha gente está dizendo, mulher? Que eu possuí a minha amante em meu próprio pátio, e que a possuo sempre que tenho vontade? É isso? Já não tenho bastante com que me preocupar, para você aparecer com a sua contribuição? Vá dormir, Ona, você está cansada e não me parece muito bem. Amanhã temos um dia movimentado. O sepultamento da esposa de um chefe não é pouca coisa em Ibuza".

As danças e os festejos fúnebres começaram muito cedo pela manhã e se prolongaram ao longo de todo o dia. Diferentes grupos de pessoas chegavam e partiam e deviam ser acolhidos. Ao entardecer chegou o momento de instalar Agunwa em sua sepultura. Todas as coisas de que teria necessidade na outra vida foram reunidas e dispostas em seu caixão de madeira confeccionado com o

Material com direitos autorais

melhor mogno que Agbadi conseguiu encontrar. Depois sua escrava pessoal foi convocada pomposamente em voz alta pelo curandeiro: ela deveria ser posta no interior do túmulo em primeiro lugar. O certo seria que a boa escrava pulasse na sepultura por vontade própria, feliz de partir ao lado da ama; mas aquela jovem e bela mulher ainda não desejava morrer.

Desagradando a muitos dos homens que cercavam a sepultura, ela implorou insistentemente pela vida. As mulheres estavam afastadas, pois consideravam aquele costume revoltante. A pobre escrava foi empurrada para dentro da cova rasa, mas se debateu e saiu de novo, lutando e implorando, pedindo ajuda a seu proprietário, Agbadi.

Então o filho mais velho de Agbadi exclamou, irado: "Quer dizer que minha mãe não merece nem mesmo um enterro decente? Agora não vamos mandar a escrava dela para a outra vida com ela só porque a garota é bonita?". Dizendo isso, golpeou com força a mulher usando o cabo de seu cutelo. "Vá, como uma boa escrava!", gritou.

"Pare com isso agora mesmo!", rosnou Agbadi, e se aproximou mancando do filho. "Que nome você dá ao que fez? Coragem? Você me dá nojo".

A escrava virou os olhos, agora vidrados com a aproximação da morte, para Agbadi. "Agradeço sua gentileza, Nwokocha, filho de Agbadi. Eu voltarei para sua família, mas como filha legítima. Eu voltarei...".

Outro parente aplicou um golpe fatal na cabeça da moça e ela finalmente caiu no túmulo, em silêncio para sempre. Enquanto seu sangue esguichava, respingando os homens que estavam ali ao redor, ouviu-se um grito lancinante vindo do grupo de mulheres enlutadas, posicionado um pouco à parte. Mas essa reação não fora provocada pelos sentimentos delas pela mulher morta, percebeu Agbadi; na verdade elas amparavam Ona para que não caísse.

"E agora, o que está acontecendo?", murmurou Agbadi com voz rouca. "Meu amigo Idayi, tome a noz-de-cola do funeral e conclua a cerimônia. Acho que Ona, filha de Umunna, também está querendo me faltar. Passou mal o dia inteiro, não sei por quê. Preciso levá-la para dentro". E, apoiado no bastão, aproximou-se dela mancando tão depressa quanto pôde.

Material com direitos autorais

Deitaram Ona sobre uma pele de cabra no pátio de Agbadi enquanto o curandeiro prosseguia com as orações e rituais, no centro do alojamento. Durante uma parte da noite, Ona ficou quente e depois fria, mas antes que o sol nascesse deu para perceber que embora a enfermidade fosse exaustiva e a enfraquecesse, ela conseguiria resistir. Agbadi chegara a temer que pudesse ser a iba, a malária que matava qualquer um em curto espaço de tempo.

Obi Umunna chegou de manhã e disse a Agbadi sem preâmbulos: "Acho que há alguma coisa na sua família matando todo mundo. Primeiro você escapou por pouco da morte, depois sua Agunwa se foi, agora minha filha, cheia de saúde, que veio cuidar de você...".

"Meu amigo, se você não fosse um Obi tal como eu, e se não fosse o pai de Ona, eu lhe diria algumas verdades. Se ela está doente por causa de alguma maldição em minha casa, não seria mais adequado que você a deixasse comigo até que melhorasse? Eu mesmo tomarei conta dela".

Passaram-se alguns dias e os olhos experientes de Agbadi perceberam os padrões da doença e, numa manhã em que ela estava sentada a seu lado, disse a Ona: "Ona, filha de Umunna, acho que estou tornando você mãe. Você está esperando um filho de nosso amor".

Ele disse essas palavras num tom tão despreocupado que Ona não soube o que dizer, tamanha sua surpresa.

"Bem... É verdade. O que você vai dizer a seu pai?".

"Oh, por favor, Agbadi, não acabe com minha alegria. Você sabe que eu gosto de ficar aqui com você, mas sou a filha de meu pai. Ele não tem filho homem. Sua casa, Agbadi, está cheia de crianças. Por favor, Nwokocha, filho de Agbadi, sua bravura é conhecida em regiões distantes, assim como seu carinho. Não torne isso complicado para mim – a maior alegria de minha vida".

"Mas... e eu? Você e seu pai estão me usando como instrumento para obter o que desejavam".

"Ninguém o obrigou, não se esqueça", replicou Ona, começando a se enfurecer. "Por acaso é minha culpa você ter resolvido me tratar como esposa, e não como amante? Você estava ciente da exigência de meu pai antes de me procurar. Nós não o usamos. Você é que me

Material com direitos autorais

usou, embora eu não lamente isso. Se agora quer se arrepender... Bem, o problema é seu".

"Então... Quando você pretende me deixar?", indagou Agbadi com desinteresse.

"Assim que me sentir mais forte. Você está melhorando dia a dia, já pode voltar à sua lavoura".

"Esqueça a minha lavoura. Ande logo e fique boa, depois volte para o descarado do seu pai".

"Não ofenda meu pai", exclamou ela, e sentiu-se muito fraca.

"Está vendo? Você não se dá nem mesmo o direito de ser mulher. Está nas primeiras semanas da maternidade e tudo o que sabe fazer é ficar pensando como homem, bancando o homem em nome de seu pai, só porque ele não tem como se ocupar disso pessoalmente".

"Não vou discutir com você", declarou Ona.

Naquele dia, para surpresa geral, Agbadi foi até a sua lavoura pela primeira vez depois do acidente. "Quero dar uma olhada no andamento dos trabalhos", respondia às perguntas das pessoas.

Durante sua ausência, Ona sentiu-se sozinha, mas mandou um recado para o pai pedindo que fosse buscá-la no dia seguinte.

Naquela última noite, Ona tentou argumentar com Agbadi, mas ele a ignorou. "Está bem", disse ela, tentando propor uma trégua. "Meu pai quer um filho e você tem muitos filhos. Mas você ainda não tem nenhuma filha. Já que meu pai não aceitará ceder-me a você por preço nenhum, se eu tiver um filho, ele pertencerá a meu pai, mas, se for uma menina, ela será sua. É o melhor que posso fazer por vocês dois".

Antes do amanhecer, os dois se entenderam e Agbadi passou o resto da noite carinhoso e terno.

No dia seguinte, as mulheres do alojamento de Obi Umunna se apresentaram trazendo presentes para a casa de Agbadi. Todos foram muito gentis uns com os outros, e Ona ficou aliviada ao perceber que o pai não viera; não suportaria outra discussão entre os dois homens, embora imaginasse que deveria sentir-se uma mulher de sorte por dois homens quererem ser seus donos.

Nwokocha Agbadi visitava-a com frequência em sua cabana, e muitas foram as noites Eke que passou com ela, quando não precisava ir à lavoura ou caçar. As pessoas achavam que depois de

Material com direitos autorais

algum tempo ele se cansaria dela, mas não foi o que aconteceu. Cada separação era dolorosa, como se fossem dois jovens brincando à luz da lua.

Às vezes, quando ele não a visitava, ela sabia que ele estava com as outras esposas. Sendo quem era, porém, Agbadi nunca lhe falava sobre elas, e Ona o respeitava por isso. Foi numa dessas noites que ela entrou em trabalho de parto. Chorou baixinho durante as longas horas de agonia solitária na escuridão. Somente quando a dor se tornou intolerável pediu ajuda às mulheres do alojamento do pai.

A filhinha teve muita consideração com ela. "Ela simplesmente escorregou para o mundo", disseram as mulheres que a cercavam.

Ona ficou ofuscada de felicidade. Agbadi vencera, pensou consigo mesma, ao mesmo tempo em que se condoía do pobre pai.

Agbadi apareceu no segundo dia e ficou visivelmente radiante. "Bom trabalho, Ona. Uma filha, hã?".

Inclinou-se e contemplou a criança de um dia de vida, bem embrulhada e aquecida junto ao fogo, e observou: "Esta criança não tem preço, vale mais que vinte sacas de caurim! Até acho que o nome dela deveria ser esse, porque ela é uma beldade e me pertence. Sim, 'Nnu Ego': vinte sacas de caurim".

Disse aos homens que tinham vindo com ele que entrassem, e os homens traziam inhame e bebida suficientes para abastecer Ona durante um longo tempo, pois, de acordo com o costume, ele só poderia aproximar-se dela novamente passados vinte e cinco dias.

Obi Umunna entrou e os dois homens passaram algum tempo brindando e orando pela felicidade da criança que chegava.

"Ona lhe falou de nossa combinação? Ela concordou que se tivesse uma menina, ela seria minha; se fosse um menino, seria seu", disse Agbadi calmamente.

"Talvez isso seja verdade, meu amigo. Não sou homem de levar a sério conversinhas de amantes em suas esteiras do amor. Ela era sua hóspede e na época você era um homem doente".

"O que você está querendo me dizer, Umunna? Que sua filha deverá voltar atrás em sua promessa?".

"Ela é mulher, de modo que não vejo por que não. No entanto, como ela é minha filha, não estou pedindo que viole sua palavra. Sim,

Material com direitos autorais

o bebê é seu, mas minha filha não sai daqui. Não aceitei dote de esposa de você".

"Quanto você quer por ela? O que mais espera? Por acaso é culpa dela você não ter filhos homens?". Agbadi estava começando a rugir, como os animais selvagens que estava habituado a caçar e matar.

"Por favor, por favor! Vocês dois não estão felizes por eu ter sobrevivido ao parto? Parece que ninguém está interessado nessa parte da história. Fiz uma promessa a Agbadi, é verdade; mas, querido Agbadi, ainda sou filha de meu pai. Já que ele não recebeu dote de esposa de você, você acha que estaria certo eu ficar ao seu lado permanentemente? Você sabe que nossos costumes não permitem. Ainda sou filha de meu pai", argumentou Ona com tristeza.

Agbadi levantou-se do chão de terra batida onde estava sentado e disse: "Nunca obriguei nenhuma mulher a ficar comigo. Nunca, e não é agora que vou começar. As únicas mulheres que aprisionei eram escravas. Todas as minhas esposas estão felizes por serem minhas. Você quer ficar com seu pai? Pois fique". E saiu, sozinho.

Ona passou meses sem ver Agbadi. Ficou sabendo, pelos comentários das pessoas, que ele mais ou menos vivia na densa e pantanosa Ude, onde havia fartura de caça. Ona sentia falta dele, mesmo sabendo que, do jeito que as coisas eram, estava fazendo o que era certo.

Um ano depois do nascimento de Nnu Ego, Obi Umunna morreu, e Ona passou dias chorando sua morte, especialmente por ele ter morrido sem que ela tivesse lhe apresentado o tão desejado filho. Quando contaram a Agbadi o que acontecera, ele se apiedou, pois sabia quanto Ona era ligada ao pai.

Por mais de dois anos, continuou tentando convencê-la a ir viver com ele em seu alojamento. "Você já não está comprometida com as esperanças de seu pai. Ele morreu, mas nós ainda estamos vivos. Venha viver comigo. Você está sozinha aqui, em meio à sua família estendida. Por favor, Ona, não vamos desperdiçar nossas vidas sentindo falta um do outro...".

"Você sabe que meu pai não teria aprovado, por isso pare de dizer essas coisas, Agbadi. Eu me recuso a ser intimidada por sua riqueza e sua posição".

Material com direitos autorais

Nem assim Agbadi deixou de visitar sua Ona.

Nnu Ego era a menina dos olhos dos pais. Era uma criança linda, de pele clara como as mulheres das regiões Aboh e Itsekiri. Quando ela nasceu, viu-se que havia um caroço em sua cabeça que, com o tempo, foi recoberto pelo espesso e encaracolado cabelo preto. Mas de repente, uma noite, ela começou a padecer de uma estranha dor que a fazia colar a cabeça ao ombro. Ona, em pânico, mandou chamar Agbadi, que veio às pressas de Ogboli com um dibia.

O dibia tocou a cabeça da criança e respirou fundo ao perceber como o caroço era muito mais quente do que o resto do corpo. Pôs mãos à obra sem perda de tempo, espalhando nozes-de-cola, conchas e caurins sobre o chão de terra batida. Pouco depois, entrou em transe e começou a dizer em voz remota, estranha e pouco natural: "Esta criança é a escrava que morreu com sua esposa mais velha, Agunwa. Ela jurou que voltaria como filha. Agora, aqui está. É por isso que esta criança tem a pele clara do povo das águas, e o caroço dolorido em sua cabeça vem das pancadas que a escrava recebeu de seus homens antes de cair na sepultura. A criança sempre terá problemas com a cabeça. Se tiver uma vida feliz, sua cabeça não se manifestará. Mas, se for infeliz, a cabeça a atormentará tanto física como emocionalmente. Meu conselho para vocês é que tratem de apaziguar a escrava".

"Ona, você precisa sair daqui", ordenou Agbadi. "Você precisa se afastar da casa de seu pai, do contrário vou tirar minha filha de você. Ela não pode adorar seu chi de outro lugar; precisa estar onde está seu chi até que todos os sacrifícios tenham sido feitos".

Foi assim que Ona finalmente teve de deixar sua gente: não por permitir que seu amor por Agbadi determinasse suas ações, mas por desejar a segurança da filha. Assim que chegaram a Ogboli, Nnu Ego melhorou. A escrava foi enterrada adequadamente num túmulo separado, e fizeram uma imagem dela para que Nnu Ego andasse com ela.

Pouco depois, Ona engravidou outra vez. Passou muito mal desde o início, de modo que não foi surpresa para ninguém na casa de Agbadi quando ela entrou em trabalho de parto prematuro. Depois do nascimento, Ona ficou fraca, mas sua mente era lúcida. Sabia que estava morrendo.

Material com direitos autorais

"Agbadi", disse com voz rouca, "está vendo como não era meu destino viver com você? Mas você é teimoso, meu pai era teimoso, e eu também sou teimosa. Por favor, não lamente minha morte por muito tempo; e não se esqueça de que, por mais que ame nossa filha Nnu Ego, deve permitir que ela tenha vida própria, um marido, se desejar. Permita que ela seja mulher".

Não demorou muito e Ona morreu; seu frágil recém-nascido seguiu-a apenas um dia depois. Assim, tudo que Nwokocha Agbadi tinha para recordar-lhe sua grande paixão por Ona era a filha dos dois, Nnu Ego.

Material com direitos autorais